

FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

DANILO BARBOSA DA SILVA

**ANÁLISE DO TRATADO DAS PAIXÕES
DE TOMÁS DE AQUINO**

ANÁPOLIS
2017

DANILO BARBOSA DA SILVA

**ANÁLISE DO TRATADO DAS PAIXÕES
DE TOMÁS DE AQUINO**

Monografia para a obtenção do diploma de graduação
no curso de Licenciatura em Filosofia, da Faculdade
Católica de Anápolis (FCA).

Orientador: Pe. Me. João Batista de Almeida Prado
Ferraz Costa.

ANÁPOLIS

2017

FOHA DE APROVAÇÃO

DANILO BARBOSA DA SILVA

Análise do Tratado das Paixões
De Tomás de Aquino

Monografia para a obtenção do diploma de graduação
no curso de Licenciatura em Filosofia, da Faculdade
Católica de Anápolis (FCA), apresentado em 21 de
Agosto de 2017 e aprovado com nota: 9,5.

BANCA EXAMINADORA

1. _____

Prof. Me. Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa (Orientador/FCA)

2. _____

Profa. Esp. Goiany Arruda Oliveira (Membro/FCA)

3. _____

Professor (a) convidado (a)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e saúde.
Ao meu orientador pelos conselhos e paciência.
Aos meus professores pela dedicação ao ofício.
À minha família e amigos pelo apoio e incentivo.

RESUMO

BARBOSA DA SILVA, Danilo. *Análise do tratado das paixões de Tomás de Aquino*. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia – Faculdade Católica de Anápolis (FCA). Anápolis, 2017.

Este trabalho pretende elucidar sobre as principais paixões da alma humana, seus efeitos e movimentos, além de tratar sobre o caminho a ser percorrido pelo homem para que seu fim último seja atingido. Todo conteúdo é elaborado com base na filosofia Aristotélico/Tomista, sobretudo valendo-se da obra *Suma Teológica* de Sto. Tomás de Aquino. No presente trabalho é usada como método a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chaves: Paixões da alma, Tomás de Aquino, Amor.

ABSTRACT

BARBOSA DA SILVA, Danilo. Analysis of the treatise of the passions of Thomas Aquinas. Course Conclusion Monograph of graduation in Philosophy - Catholic College Anápolis (FCA), Anápolis, 2017.

This work tries to elucidate on the main passions of the human soul, its effects and movements, besides to treat on the way to be traveled by the man so that its last end is reached. All content is elaborated on the basis of the Aristotelian/Thomist philosophy, especially using the Summa Theologiae de St. Thomas Aquinas. In the present work is used as method the bibliographic research.

Keywords: Passions of the soul, Thomas Aquinas, Love.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Movimento das Paixões.....	38
--	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A. – artigo

Ad. – *Ad. Primum*

Apud – citado por

Cap. – Capítulo

Cf. – Conferir

Etc. – *Et cetera*

P. – Página.

P. ex. – Por exemplo

Q. - Questão

S. Th. – *Summa Theologiae*

Sto. – Santo

Trad. – Tradução

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SOBRE AS PAIXÕES	12
1.1 O QUE É PAIXÃO.....	12
1.2 FACULDADES E POTÊNCIAS DA ALMA.....	16
1.3 DE ONDE SURGEM AS PAIXÕES	19
2 CLASSIFICAÇÃO DAS PAIXÕES	23
2.1 O MOVIMENTO DA VONTADE: de acordo com Santo Agostinho.....	23
2.2 ORDEM DAS PAIXÕES	25
2.3 DA CLASSIFICAÇÃO DAS PAIXÕES EM SI.....	27
2.4 AS PRINCIPAIS PAIXÕES	32
2.4.1 As que vêm em primeiro	32
3 DE UMA PAIXÃO ESPECÍFICA	35
3.1 SOBRE O AMOR	35
3.1.1 Do desejo em Platão.....	36
3.1.2 Do amor em si.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Dentre todas as obras escritas por Santo Tomás de Aquino¹, a que mais repercutiu foi a *Summa Theologiae*², que está dividida em 3 partes³. Na primeira parte Sto. Tomás disputa⁴ a respeito da doutrina sagrada; na segunda sobre o homem e na terceira sobre Jesus Cristo e sua vida. Valer-se-á neste presente trabalho da segunda parte da *Summa Theologiae*; é nesta segunda parte que será encontrada base necessária para examinar a antropologia desenvolvida pelo autor, pois é essa mesma que tem como objetivo mostrar ao homem o seu fim e os meios para se chegar a ele. É, especificamente, esta parte a ser utilizada aqui.

Ao estudar o homem, Sto. Tomás visa a mostrar o fim do mesmo, contudo, é necessário que haja a superação de certos obstáculos durante o percurso para que o homem possa seguir adiante em sua caminhada e atingir seu propósito. Tendo em vista que falar-se-á, basicamente, a respeito da alma humana, quais seriam então tais obstáculos? O prof. João Batista Costa (SILVA, 2012) diz que as paixões são no homem um destes obstáculos, que ele deverá transpor para chegar ao seu fim, fim este ao qual Sto. Tomás tanto orienta o homem para que seja alcançado, como poderá ser verificado adiante. Então, para que o homem siga seu caminho e alcance o seu fim, é indispensável que o mesmo supere a limitação que por vezes é posta pelas paixões. Ao discorrer sobre as paixões da alma, e tudo o que a elas se refere, Sto. Tomás atinge um novo patamar de disputa filosófico-metafísica. São estas “discussões” que serão utilizadas para que seja feita uma análise e, posteriormente, uma exposição dos assuntos inerentes à alma (paixões) – objeto deste trabalho.

Se observada a obra de Santo Tomás de Aquino, verificar-se-á que de todas as criaturas de Deus o homem foi o maior objeto de seus estudos. Não fora somente a teologia que levou Sto. Tomás a preferir o homem como objeto de estudo, mas o

¹ Tomás de Aquino nasceu na cidade italiana de *Roccasecca* no ano de 1225 e morreu em 1274 na cidade de *Fossanova* quando estava a caminho do II Concílio de Lion.

² Trad. Suma Teológica. Obra mais difundida, porém, considerada apenas como porta de entrada para sua filosofia/teologia.

³ A Suma Teológica é dividida em 3 partes, mais um suplemento. Vale salientar que a segunda parte é ainda dividida em duas.

⁴ Do latim *Disputatio*. É o método utilizado por Sto. Tomás para se chegar à verdade sobre algum assunto.

motivo filosófico também fora imprescindível para tal escolha - tendo em vista o desenvolvimento de sua Ontologia - e, de fato, é através do homem, mais que em qualquer outra criatura, que o Ser se torna manifesto a nós, razão pela qual Sto. Tomás debruçou-se sobre o assunto (MONDIN, 1981, p. 192). Por isso, buscar compreender a realidade - ou parte dela - do homem, é a motivação primeira para a realização deste trabalho.

“Santo Tomás de Aquino vai fundir diante dos nossos olhos, a partir de uma perspectiva filosófico-teológica, a sabedoria platônica e a aristotélica, especialmente a reflexão filosófica [...]”. É com estas palavras que o professor Carlos Casanova Guerra⁵ (AQUINO, 2012, p. 11) diz que Sto. Tomás usou todo o seu conhecimento para realizar um estudo, não somente de antropologia filosófica, mas, sobretudo, acerca da essência da alma e do ser. Partindo e valendo-se dos estudos de Sto. Tomás será possível iniciar a devida compreensão de sua filosofia⁶ que para ser entendida necessita-se captar, antes, a essência da filosofia aristotélica; Sto. Tomás foi o grande responsável por aproximar a filosofia aristotélica da filosofia/teologia católica, como Chesterton (2015) bem recorda em sua biografia sobre o grande doutor angélico⁷.

Pretende-se analisar no presente trabalho o tratado das paixões da alma, que é especificamente a parte da *Summa Theologiae* onde se disputa acerca das paixões existentes na alma humana. Porém, mais que isso, tem-se por objetivo investigar e promover uma compreensão mais ampla sobre o homem, partindo daquilo que faz o mesmo sair do estado de quietude para buscar aquilo que deseja, aquilo de que se tem vontade, para que este cresça e possa alcançar seu fim com excelência.

No primeiro capítulo tratar-se-á a respeito da paixão em si, o que significa e o que de fato é. Ainda, discorrer-se-á sobre sua origem, ou seja, de onde as paixões emanam, tendo em vista sua relação com a alma. Por isso vê-se necessário, também,

⁵ Carlos Augusto Casanova Guerra é doutor *cum laude* em Filosofia pela Universidade de Navarra. Atualmente é pró-reitor da *International Academy of Philosophy* na Pontifícia Universidade Católica de Santiago do Chile.

⁶ Ressalta-se que o conjunto da obra de Sto. Tomás é, além de teológica, também filosófica. (REALE & ANTISERI, 1990)

⁷ Como também é conhecido Santo Tomás de Aquino.

explicar as operações e funções da alma - estas que são conhecidas como faculdades ou potências.

No segundo capítulo, após adquirida noção sobre o que é paixão, elaborar-se-á um estudo a fim de mostrar as classificações em que as paixões podem ser ordenadas. Ainda, expor-se-á sobre os apetites concupiscível e irascível e, então, serão estudadas/examinadas as principais paixões dos dois apetites.

No terceiro capítulo, depois de ter sido exposta a classificação das paixões, e tendo em vista o caminho a ser percorrido pelo homem para alcançar seu fim, serão analisadas algumas paixões específicas, de maneira mais ampla o amor, pois, diz Santo Agostinho (*apud* GILSON, 1989, p. 188) que o amor “é o movimento da vontade que tende para o objeto querido”. Isso porque é o amor que funciona no homem como o impulso da vontade para que este procure algo que lhe seja mais agradável, sendo então o amor de importância fundamental para atingir o fim querido pelo homem.

O método a ser utilizado para a realização deste trabalho é a pesquisa bibliográfica, valendo-se de obras de acervo pessoal e da Biblioteca Santo Tomás de Aquino, além de artigos publicados na internet e, ainda, a tradução da Suma Teológica disponibilizada no site da Revista Permanência, como consta nas referências.

1 SOBRE AS PAIXÕES

Recomenda-se que, ao iniciar uma explicação, seja feita a definição do termo que é, ou será, a chave para o assunto a ser desenvolvido. Então, como sugere o título do presente capítulo, será exposta a definição para o termo paixão.

1.1 O QUE É PAIXÃO

As paixões são o que move o homem para seu fim, colocando-o no caminho que deve ser seguido, este, que por sua vez é eleito pela razão.

Para tanto, é possível encontrar algumas definições para o termo que ora está sendo abordado⁸. Porém, a atenção será somente a uma única definição, que será utilizada no decorrer desta pesquisa. A saber: é dito que paixão é “o mesmo que afecção⁹, uma modificação passiva” (ABBAGNANO, 2012, p. 861).

A palavra paixão advém da palavra *passio*¹⁰ que é de origem grega e significa “padecer, sofrer influxo...” (ABBAGNANO, 2012, p. 861) e que, de acordo com a literatura grega, pode tanto ser o que acontece a uma coisa ou pessoa, mas também podem ser as experiências pessoais – numa perspectiva de sentimento, emoção etc. Os sentimentos causados pelas experiências são chamados de paixões da alma, como a alegria, temor, ira, etc. (SILVA, 2012). Há, também, um sentido mais geral: pode-se dizer que paixão é uma modificação passiva. (ABBAGNANO, 2012). Valendo-se desta significação, poderá ser compreendido o real sentido que Sto. Tomás aplica ao referido termo.

Para melhor clarificar as ideias a respeito do termo paixão é de suma importância a própria exposição do conceito dado por Sto. Tomás quando explica que a paixão é uma ação passiva da alma, onde a mesma sofre. Visando uma

⁸ Cf. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia [verbete *paixão*].

⁹ Afecção designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação ou em ser influenciado ou modificado por ela. Nesse sentido, um afeto (que é uma espécie de emoção), ou uma paixão, é também uma afecção por implicar uma ação sofrida. (ABBAGNANO, 2012, p. 19).

¹⁰ Paixão, traduzido do latim.

compreensão mais ampla, seja visto a seguir o que diz o autor ao explicar o que é este sofrer na alma humana:

A palavra sofrer tem tríplice acepção. Uma, comum, pela qual todo receber é sofrer, mesmo que o ser nenhum detrimento sofra; assim dizemos que o ar sofre quando é iluminado. Ora, isto é mais propriamente aperfeiçoar-se que sofrer. — Num sentido próprio, empregamos a palavra sofrer para significar uma coisa recebida com exclusão de outra, o que de dois modos pode dar-se. Ora, é excluído o que não convém ao ser; assim, quando o corpo de um animal sara, dizemos que sofre porque recebe a saúde, por exclusão da doença. — De outro modo, inversamente; assim, dizemos que estar doente é sofrer, porque recebemos a doença, por exclusão da saúde; e este é o modo mais próprio à paixão. Pois sofrer implica em alguma coisa ser atraída para o agente, porquanto, o ser que fica privado do que lhe é conveniente é considerado, sobretudo, como atraído para outro ser. E semelhantemente, Aristóteles diz que quando do menos nobre se gera o mais nobre há geração, absolutamente, e corrupção, relativamente; e ao inverso, quando do mais nobre é gerado o menos nobre (*S. Th. I-II pars*, q. 22.).

Ao ler os tratados da *S. Th.* pode-se dizer, em síntese, que na filosofia tomista é possível encontrar três concepções para a palavra sofrer. Assim, o autor trata de modo especial cada uma delas. Porém, para o momento, valer-se-á de apenas um único sentido. Para fins gerais de conhecimento, estas são as três concepções empregadas ao termo dentro da filosofia tomista:

- a) Recepção (de qualquer tipo).
- b) Receber uma qualidade que convém àquele que recebe em contrapartida da expulsão de uma qualidade contrária.
- c) Ao contrário do caso acima, receber uma qualidade que não convém ao sujeito com a expulsão de qualidade que convém. (SILVA, 2012).

Não raras vezes ocorre uma certa confusão entre a similaridade de significado do termo paixão com o de sofrimento, mas para que seja entendida esta forma de sofrer necessita-se que faça compreender, inicialmente, o que é este sofrer. Nota-se que o que é empregado, dentro da escolástica¹¹, no uso do termo “sofrer” em nada tem a ver com o conceito hodierno¹². A fim de que não haja confusão, Sto. Tomás, referindo-se ao termo “sofrer”, diz que só é possível receber (sofrer) algo com exclusão de outra¹³. Exemplo: Quando o corpo sara, é dito que sofre, pois recebeu a saúde com

¹¹ Escolástica é o termo usado para designar, num sentido próprio, “a filosofia cristã da Idade Média”. (Cf. ABBAGNANO, 2012, p. 401).

¹² Visto somente como algo mau.

¹³ E é esta acepção a ser usada para a compreensão das questões relativas às paixões da alma.

a exclusão da doença. Pois bem, o corpo sofreu algo (recebeu a saúde) e excluiu algo que não convinha ao sujeito (perdeu a enfermidade). É, basicamente, isto que Sto. Tomás usa para explicar esta forma de sofrer. Mas quando se sofre perde-se algo (dito referente à segunda e terceira acepção da palavra “sofrer” que fora supramencionada), e somente ocorre de perder algo se esta perda estiver intrinsecamente relacionada ao corpo físico do sujeito que a perdeu. Há aqui, então, a clara relação psicossomática¹⁴ do ser humano: aquilo que ocorre na alma interfere, quase que, diretamente no corpo físico, seja positiva ou negativamente. Sendo assim, abre ainda uma margem para explicar aquilo que o doutor Angélico¹⁵ diz a respeito da relação entre corpo e alma e as ações sofridas pela alma. Pois assim diz ele:

Sofrer acompanhado de exclusão e de alteração é próprio da matéria, e por isso só afeta os seres compostos de matéria e forma. Mas, quando implica somente recepção, não afeta só e necessariamente a matéria, mas pode também afetar qualquer ser existente em potência. Ora, a alma, embora não seja composta de matéria e forma, encerra, contudo, uma certa potencialidade, em virtude da qual lhe convém o receber e o sofrer (*S. Th. I-II pars, q. 22. a. 1. ad. 1.*).

Considerando a explicação oferecida na questão XXII¹⁶ da *Summa Theologiae* é possível, então, perceber no decorrer das questões disputadas pelo autor a respeito do assunto objeto deste trabalho que tudo que será analisado, será em vista deste “sofrer da alma” - no tocante significado que a palavra sofrer refere-se a receber. Desta forma, para exemplificar, quando a alma recebe uma ação externa ela sofre, evidenciando desta maneira que a alma está recebendo algo. Tendo em vista os três significados supracitados da palavra sofrer que são encontrados dentro da filosofia tomista, percebe-se que há um consenso entre as três concepções: receber. No segundo e terceiro significado há uma similaridade: quando se recebe, é excluída uma outra coisa; se aquilo que fora excluído for algo que não convém, como é no segundo significado; ou se é algo que convém, como no terceiro significado.

Ademais, fala-se muito sobre paixão e o tratado das paixões¹⁷ elaborado por Sto. Tomás de Aquino é rico na acepção do termo *passio*, que, de forma sucinta, pode

¹⁴ Relação entre corpo e alma.

¹⁵ Título atribuído a Santo Tomás de Aquino.

¹⁶ *S. Th. II pars, q. 22: Do sujeito das paixões da alma.*

¹⁷ A parte que se encontra entre as questões 22 e 48 da I-II *pars* da *Summa Theologiae*.

ser verificada em quatro significados análogos, como observa o professor João Batista (SILVA, 2012). Assim, vê-se deste modo:

- O primeiro significado é num sentido ontológico, onde Sto. Tomás diz que a paixão é a propriedade de uma coisa, mais necessariamente quando se fala dos transcendentais (*unum, verum, bonum et pulchrum*)¹⁸, pois estes são propriedades do ente.
- Em outro significado, no sentido lógico mais estrito, é dito que a paixão é um dos dez predicamentos¹⁹, que é o oposto ao predicamento da ação. Por exemplo: ser queimado é o oposto de queimar.
- O que pode ser considerado o terceiro significado ainda está dentro do sentido lógico - verifica-se a ampliação deste sentido - sendo que assim pode ser constatado que a paixão é a terceira espécie do predicamento da qualidade (de acordo com Sto. Tomás são quatro – Cf. *S.Th. I-II pars*, q. 49), o que de fato significa que a paixão é a qualidade pela qual se realiza a alteração.
- No âmbito psicológico, é dito que as paixões são as formas especiais de *passio* (*passio* como predicamento: sofrer) que se faz em oposição à *actio*²⁰ (*actio* como predicamento: fazer). Neste caso, as paixões são entendidas como as variações que se estendem do psíquico à matéria, que são provenientes do apetite sensitivo sob o influxo do conhecimento sensitivo. E Sto. Tomás diz que estas, propriamente, são as paixões da alma (*S.Th. I-II pars*, q. 22. a. 2. ad. 3.).

Desta forma, ao saber que este sofrer atinge também a alma, vê-se que em decorrência de uma ação ativa externa a mesma sofre uma ação passiva – que neste caso refletir-se-á internamente. É dito isto com relação à alma. Então, já que o homem é matéria e forma, de alguma maneira sê-lo-á modificado em decorrência das paixões sofridas, seja ativa ou passivamente, pois o ser humano é sempre moldado na medida que sofre alterações consecutivas de suas escolhas ao longo da vida. Portanto, são estas escolhas que determinam o que será sofrido e a intensidade de como será. A exemplo: se ama, sofre alterações – este “sofrer” no amor significa que é acometido

¹⁸ Uno, verdadeiro, bom e belo, respectivamente. Tradução nossa.

¹⁹ A saber: Substância; Quantidade; Relação; Qualidade; Quando; Onde; Estar-em-uma-posição; ter; fazer; sofrer. (ARISTÓTELES, 2010, p. 18).

²⁰ Trad.: Ação.

pela paixão²¹, ou pelas paixões –, se sofre alterações (que por sua vez são passivas na medida em que as recebe) modifica o seu próprio ser que quase sempre é para melhor, tendo em vista o fim querido pelo agente da ação. Assim, o amor faz o amante modificar sua forma de agir e pensar para que se adeque e diminua a distância para o objeto amado (fim querido). Assim o homem vai construindo todas suas características psicossomáticas ao passo que se constrói através destas mesmas características.

1.2 FACULDADES E POTÊNCIAS DA ALMA

A alma humana opera suas funções vitais a partir de potências, que também são chamadas de faculdades²²: na filosofia medieval, entre a maioria de seus representantes, prevaleceu entre eles a distinção de faculdades feita por Aristóteles. Assim, o Filósofo²³ distinguiu as faculdades da alma em três partes²⁴, a saber:

- I) **parte vegetativa**, que faz o ser vivo – especificamente homem, objeto de estudo neste trabalho - ter a capacidade de se nutrir e reproduzir;
- II) **parte sensitiva**, que abarca a sensibilidade e o movimento no ser vivo;
- III) **parte intelectual**, que é própria do homem e também pode ser chamada de faculdade espiritual (ABBAGNANO, 2012).

Como poderá ser constatado, as paixões residem em apenas uma destas partes da alma²⁵. Sto. Tomás aborda a distinção feita por Aristóteles de maneira mais elevada e chega à seguinte classificação das faculdades - que aqui não são especificamente relacionadas ao homem, mas a todos seres vivos, entre as quais o

²¹ Neste caso, a palavra *paixão* deve ser entendida como *afecção*. Haja vista que somente na metade do séc. XVIII que a palavra *paixão* passou a ser significado moderno de *afecção*. Antes, *afecção* significava apenas uma qualidade que consistia em “sofrer uma ação”, mas então somente no referido século que a palavra *paixão* passa também a comungar deste significado. (ABBAGNANO, 2015)

²² Por “faculdade” pode-se entender que são, de certo modo, os poderes da alma que são responsáveis pelas funções vitais da mesma. (ABBAGNANO, 2012, P. 493)

²³ “Filósofo” é como Sto. Tomás trata Aristóteles e que aqui também será mencionado desta forma.

²⁴ Sobre as distinções feitas pelo Filósofo, Sto. Tomás utiliza estas e então aprimora de acordo com seus estudos, assim ele chama estas três classificações de as “*três espécies de alma*” ou os “*três gêneros de vida*” (*S. Th. I-II pars*, q. 22-48).

²⁵ Para melhor entender, será exposta a seguir, de maneira breve, uma apresentação a respeito da elaboração da classificação das faculdades feita por Sto. Tomás, que fora baseado na distinção feita pelo Filósofo.

homem se inclui logicamente. Eis, então, a separação de acordo com a filosofia tomista:

I. Faculdades vegetativas

As faculdades vegetativas são correlatas à chamada alma vegetativa, pois é esta a responsável pelo desenvolvimento do ser vivo. Dentro desta faculdade existem três potências, que são:

- a) Potência nutritiva: o ser vivo tem a capacidade de nutrir-se.
- b) Potência aumentativa: dependendo da anterior, pode-se adquirir tamanho, quantidade... alimentar e crescer.
- c) Potência geradora: pode ser entendida aqui como a potência reprodutiva, que tem a capacidade de gerar outro ser da mesma espécie.

II. Faculdades sensitivas

Estas são correspondentes à alma sensitiva, e são, de fato, os sentidos do ser vivo. Estas faculdades são divididas em duas potências:

- a) Potência cognoscitiva: Esta potência é intrinsecamente ligada aos sentidos e é, ainda, dividida em duas espécies:
 - 1. Sentidos externos: são conhecidos como sentidos de conhecimento imediato. Estes são orgânicos e apreendem a partir de um objeto percebido sensivelmente. Na filosofia escolástica foram enumerados cinco sentidos externos: visão, audição, olfato, paladar e tato.
 - 2. Sentidos internos: também conhecidos como sentidos de conhecimento mediato²⁶ ou de sentidos reprodutores, porque dependem daquilo que recebe dos sentidos externos para reproduzir algo internamente. Nos sentidos internos, não se tem como objetivo as propriedades de um objeto - como é o caso dos sentidos externos -, mas as próprias sensações provenientes da relação com o objeto. São quatro os sentidos internos: sentido comum, fantasia, memória sensitiva e faculdade estimativa²⁷.

²⁶ Entende-se como sentidos dependentes.

²⁷ Como neste trabalho são as paixões da alma a serem analisadas, vale então a explicação para estes sentidos internos, mesmo que estes não sejam diretamente objeto de estudo. Portanto, de acordo com Echevarría, o sentido comum (também conhecido como percepção) é o que unifica as sensações e as atribui a um único objeto; a fantasia é como se fosse o “balaio” das percepções, onde é capaz de reproduzir mentalmente um objeto conhecido através das percepções e formular a partir daí novas associações sensoriais que outras não foram percebidas; a memória sensitiva tem

- b) **Potência apetitiva:** Uma vez que se apreende algo pelos sentidos (externos e internos), as faculdades apetitivas tendem a ir ao que é considerado o bem, o seu objeto é o bem material como tal - o que é apreendido pelos sentidos - e não o bem universal, que é apreendido pelo intelecto. Esta potência apetitiva se divide em:
1. **Apetite concupiscível:** é o apetite que tende para o bem sensível, agradável e de fácil alcance, enquanto fácil de ser evitado o mal, que é o seu oposto.
 2. **Apetite irascível:** é o apetite que tende para o bem sensível e, árduo, de difícil alcance, enquanto para ser alcançado ou ser difícil de suportar o mal sensível, que é o seu oposto.

III. **Faculdades intelectivas:**

Estas são correspondentes à alma intelectiva e são divididas de dois modos:

- a) **Potências intelectivas:** estas potências não dependem intrinsecamente de um órgão corporal; são chamadas também de potências inorgânicas, pois, como dito, não dependem de um órgão do corpo (HUGON, 1998. p. 152-154). E é por isso que são, também, chamadas de faculdades espirituais. Por estas faculdades espirituais, a relação com o objeto não gera a percepção extrínseca, como os sentidos, mas a partir destas mesmas faculdades é possível conhecer a essência da coisa. Estas faculdades são divididas de dois modos, a saber:
1. **Intelecto agente:** este transmuda em ato o objeto inteligível, abstraindo a sua essência das propriedades que o fizeram este mesmo objeto ser único em sua materialidade.
 2. **Intelecto possível:** este recebe a essência inteligível do intelecto agente, por isso o intelecto possível é a faculdade de conhecer, propriamente dito.

uma função importante na construção do homem em si por ele mesmo, pois permite o descobrimento e conservação da própria identidade e o modo de enlaçar com o passado, conservando-o, pois a memória conserva aquilo que foi apreendido; com a faculdade estimativa o indivíduo consegue fazer uma relação de algo exterior com a sua situação orgânica e ter, assim, a capacidade de escolher e preferir algo por outra coisa, pois consegue estimar o que é melhor para si naquele momento, dadas as informações que se tem a partir dos objetos a serem escolhidos. (ECHEVARRÍA & STORK, 2013, p. 31-32). Tradução nossa.

- b) *Apetite intelectual*: é a vontade própria, que tem por objeto o bem que foi conhecido e apresentado pelo intelecto. É, de certo modo, uma faculdade espiritual. (SILVA, 2012)²⁸.

1.3 DE ONDE SURGEM AS PAIXÕES

Já é possível ter uma noção sobre o que são as paixões e as faculdades da alma - mesmo que aqui exposta de forma sucinta, tendo em vista a extensão do Tratado de Sto. Tomás. Mas, para uma complementação da compressão a respeito de tudo isso, julga-se necessário saber de onde, então, emanam as paixões.

Quando trabalhadas tais questões sobre as paixões da alma, pode-se ter, erroneamente, a ideia que estas paixões, ocasionalmente, podem ser confundidas com a própria alma. É um problema recorrente, haja vista os próprios conceitos tomistas de alma²⁹ e de paixão³⁰. Surge como importante, então, fazer esta distinção antes de prosseguir para que seja conhecido de onde as paixões surgem. As faculdades ou potências da alma determinam de certo modo os princípios que são chamados de *próximos* e *imediatos*, e são destes princípios que procedem as operações da alma. Por exemplo: quando se vê e quando se pensa é, de fato, a alma que está agindo e aqui a alma age através da capacidade de enxergar e da capacidade de inteligir, neste caso a alma será, portanto, o que é chamado de princípio remoto ou radical. Deste modo, os sentidos externos (no caso a visão) e a inteligência são os princípios imediatos e próximos da visão e do conhecimento, respectivamente. É claro que mesmo as faculdades ou potências sendo da alma, não é nela que estas agem. Há uma diferença substancial entre a alma e suas operações e por isto estas não podem ser aquela. E esta distinção substancial entre a alma e as suas operações (faculdades e potências) é defendida amplamente na Escolástica - salvo os casos que tendem ao nominalismo³¹ - uma vez que fora também afirmada

²⁸ A estrutura apresentada segue o modelo feito pelo professor João Batista Costa e Silva ORC (Cf. SILVA, 2012).

²⁹ Dentro da filosofia tomista o conceito de alma, em quase nada difere da acepção aristotélica, desta maneira, a alma é o princípio vital, o princípio da sensibilidade, a forma do corpo.

³⁰ Já foi visto sobre o seu significado como sendo também um certo tipo de movimento.

³¹ Corrente filosófica que teve seu auge na Escolástica com Guilherme de Ockham (1280-1350). Ockham negava a existência real dos universais, porém admitia-os existentes apenas como conceitos. Assim, criticava a doutrina da distinção formal das coisas, comumente aceita à época. (MARÍAS, 2015).

pelo Filósofo. (HUGON, 1998). Apesar de que as faculdades e potências são distintas da alma, estas são ligadas e derivadas daquela. Esta derivação deve ser concebida como sendo uma forma de emanção natural, espontânea etc. Pense numa árvore: onde a alma é o tronco desta árvore e as faculdades e potências podem ser considerados os ramos desta árvore. (HUGON, 1998).

Como visto acima, sabe-se que a Potência Apetitiva, que é uma das potências da Faculdade Sensitiva³², se divide em dois tipos de apetites³³, a recordar: apetite concupiscível e apetite irascível. Necessário é saber em qual apetite, de fato, reside uma paixão, ou se nos dois. Para ter a clara ideia se uma paixão pertence ao apetite irascível ou ao concupiscível, é, antes de tudo, imprescindível ter conhecimento sobre qual é o objeto de cada um destes apetites: **a)** apetite concupiscível, é o que é voltado ao bem sensível, este então é de fácil alcance, pois é considerado de forma conveniente àquele que deseja. Em relação ao mal, este pode ser facilmente evitado; **b)** apetite irascível, é o qual cujo objeto é o bem de difícil alcance, considerado como árduo.

Em relação ao mal, este pode ser de difícil superação. Sto. Tomás nos diz que “a alma tem que padecer dificuldade ou luta para alcançar um bem ou fugir de um mal de tal natureza, por estar um e outro acima do fácil alcance do animal” (*S. Th. I-II pars*, q. 23, a. 1). Pense na paixão que pode pertencer ao apetite concupiscível. Assim, ao passar por esta explicação, pode ser conhecido que a paixão pertencente ao apetite concupiscível busca senão o bem (ou mal) em absoluto e de mais fácil acesso. E se ela fosse do apetite irascível, então seria a paixão que considera que o bem é difícil de ser alcançado (ou o mal de ser evitado). Bem, o autor da *S. Th.* diz que as paixões residem nos dois apetites. Assim, a primeira visa alcançar de forma absoluta sem grandes obstáculos seu fim e a segunda já vê a dificuldade no alcance. Se as paixões passam pelo sentido, portanto conclui-se que elas, as paixões, emanam da faculdade sensitiva; como visto acima, esta faculdade se subdivide em potências e estas em apetites. Percebe-se, então, uma certa familiaridade destes apetites - concupiscível e irascível – sendo possível, inclusive, que se faça confusão na definição de ambos. Na

³² Esta faculdade (apetite) também é chamada de *sensualitas*. (Cf. *S. Th. I pars*, q. 81, a. 2).

³³ Apetite, de forma geral, é o princípio que impele um ser à ação, tendo como objetivo a satisfação de uma necessidade ou desejo, ou até mesmo a realização de um fim numa ação querida. (ABBAGNANO, 2012, p. 81)

I-II *pars* da *Summa Theologiae*, q. 23, Sto. Tomás trata da *differentia passionum ab invicem*³⁴ e ao longo de artigos desta questão discute-se, sobretudo, se as paixões do apetite irascível são iguais ou diferentes as do apetite concupiscível. Com efeito:

As paixões do irascível diferem especificamente das do concupiscível. Pois, tendo potências diversas objetos diversos, como dissemos na primeira parte (*S. Th. I pars*, Q. 77, a. 3), as paixões de potências diversas hão-de se referir necessariamente a objetos diferentes. Por onde, com maioria de razão, paixões de potências diversas hão-de diferir entre si especificamente; porque, para diversificar as espécies de potências é necessária maior diferença de objeto do que para diversificar as espécies de paixões ou atos. Pois, assim como nos seres naturais, as diversidades genéricas resultam das diversidades da potência da matéria, e a específica, das diversidades da forma na matéria existente, assim também os atos da alma pertencentes a potências diversas são diversos, não só específica, mas também genericamente; os atos, porém ou as paixões referentes a objetos diversos especiais compreendidos no objeto comum de uma mesma potência diferem como espécies desse gênero. (*S. Th.*, I-II *pars*, q. 23).

Portanto, todas as paixões que visam o bem de forma absoluta são do apetite concupiscível, estas paixões são, por exemplo, a alegria, a tristeza, amor, ódio e outras tantas que são semelhantes. Já as paixões que visam o bem que é difícil de ser alcançado pertencem ao apetite irascível. Estas são a audácia, temor, esperança e outras que se assemelham. Em síntese, as paixões emanam das faculdades sensitivas.

Para finalizar, Aristóteles (2001, p. 37) ao tratar deste assunto afirma que “as paixões da alma são as de que resultam a alegria e a tristeza”. Como visto no parágrafo anterior, a alegria e tristeza pertencem ao apetite concupiscível, logo, poder-se-á dizer que as paixões do apetite irascível e do apetite concupiscível não diferem, pois é sabido que estas paixões também pertencem ao irascível, do ponto de vista que o bem e o mal podem ser tanto de fácil consecução como de difícil. Para tanto, o doutor angélico responde dizendo que “a potência do irascível foi dada aos animais para vencerem os obstáculos que impeçam o concupiscível de tender para o seu objeto” (*S. Th.* I-II *pars*, q. 22). O autor ainda explica a função das paixões irascíveis concernentes às paixões concupiscíveis como sendo uma auxiliar da outra. Não como as mesmas coisas, mas sim diferentes - mesmo que sejam relacionadas. A propósito desta relação é importante compreender que o agente a tender para um fim sinta-se com a coragem necessária para passar pelo caminho que leva a este fim querido.

³⁴ Da diferença das paixões entre si. Tradução nossa.

Esta tendência é a paixão concupiscível, que visa somente o fim em absoluto, e esta coragem é a paixão irascível, que clarifica no agente o que deve ser e como deve ser para que chegue ao fim. Esta tendência é também entendida como vontade - que está dentro das faculdades intelectivas.

2 CLASSIFICAÇÃO DAS PAIXÕES

Sabendo o que é paixão, urge saber quais e como são classificadas e ordenadas.

2.1 O MOVIMENTO DA VONTADE: de acordo com Santo Agostinho.³⁵

Se há o que se falar sobre as paixões é importante que se discorra, também, sobre o seu movimento primeiro. No homem, em relação às paixões, esta ação primária é chamada vontade. Este movimento pode ser definido como sendo um movimento racional, assim como descrito na elucidação do verbete feita por Nicola Abbagnano (2012, p. 1203) que diz que na filosofia clássica “a vontade é o apetite racional ou compatível com a razão”.

O termo vontade por vezes pode ser confundido com desejo - este último pertencente às faculdades sensitivas. Acontece que, para não se fazer esta confusão é necessário saber o ponto em que os dois termos diferem: a dissemelhança do primeiro para o segundo está no momento da eleição que se faz ao inclinar conscientemente ou não para o objeto que se pretende alcançar, ou seja, a diferença se encontra na escolha, que por sua vez depende intrinsecamente da razão, distinto, pois, da sensibilidade (desejo, faculdades sensitivas) que não precisa necessariamente da razão.

O que pode definir o que é vontade é a escolha. O que deve, então, ser escolhido para transformar-se em objeto da vontade? Pois, o homem inevitavelmente busca o que é melhor para si. Quando disputada, Sto. Tomás escreve sobre esta questão dizendo que:

A vontade é um apetite racional. Ora, todo apetite só pode desejar o bem; pois, o apetite não é mais do que uma inclinação do apetente para alguma coisa; e nada se inclina senão para o que lhe é semelhante e conveniente. Por onde, tudo o que existe sendo, enquanto ente e substância, um certo bem, necessário é que toda inclinação seja para um bem. E daí procede o dito do Filósofo: bem é o que todos os seres desejam (*S. Th. I-II pars, q. 8*).

³⁵ Agostinho de Hipona, 354-430.

Fica claro, pois, que o bem é o objeto da vontade, para o qual o movimento e atividade humana deve ser direcionada, mas esta direção é natural no homem, basta-lhe então que este decida, racionalmente, se o bem que lhe é apresentado é útil ou não. E o que vai determinar se é útil ou não é o amor que será empregado ao objeto apresentado, pois “o peso da vontade é o amor” (AGOSTINHO *apud* GILSON, 2000, p. 188). Sendo, pois, “o amor a própria essência do homem” (AGOSTINHO *apud* GILSON, 2000, p. 188).

Battista Mondin (1980) diz que a vontade pertence ao homem enquanto tal, corroborando assim com a tese de Sto. Agostinho sobre a vontade ser o princípio de atividade no homem, a qual está na “própria raiz do ser” (*apud* GILSON, 2000, p. 199)³⁶. O homem não permanece inquieto permanentemente, pelo contrário: é cheio de dinamismo (MONDIN, 1980). Se este está em constante movimento, automaticamente deve ser movido para algo e o objetivo deste movimento é o que foi descrito acima. Quando se inicia este movimento da vontade ou quando ele se conclui (ou no máximo quando se aproxima de seu objetivo) ele acaba gerando outras ações na alma. É o que se deduz a partir das palavras do filósofo e historiador Étienne Gilson (2000, p. 200-201) quando diz que “para Santo Agostinho todas as afeições e sentimentos da alma são manifestações da vontade”. Ou seja, para o doutor de *Tagaste*³⁷, quando este movimento da vontade é iniciado, inevitavelmente gera alguns efeitos na alma e estes são denominados como sendo o desejo, alegria, medo e tristeza. Estes quatro efeitos são tratados de maneira mais ampla dentro da obra *De Civitate Dei*³⁸ no livro XIV. Sendo que assim escreve Sto. Agostinho (2012, p. 167):

É de grande importância saber como é o querer do homem, porque, se desordenado, seus movimentos serão desordenados e, se reto, não apenas serão inculpáveis, mas até mesmo louváveis. Em todos eles há querer, melhor diríamos, todos eles não passam de querer. Pois que é o desejo e a alegria senão querer em consonância com as coisas que queremos? E que é o temor e a tristeza senão querer em dissonância com o que não queremos? Quando concordamos, apetecendo o que queremos, temos o desejo; quando concordamos, gozando do que queremos, temos a alegria. De igual modo, quando discordamos do que não queremos que suceda, tal querer chama-se temor; quando discordamos do que sucede a quem não o quer, temos o querer chamado tristeza. Em suma, como se alucina ou ofende

³⁶ Remete-se ao texto encontrado na *De Civitate Dei*, XIV.

³⁷ Designado assim por Battista Mondin (1980, p. 155), por ter sido *Tagaste* o local indicado do nascimento de Agostinho.

³⁸ Nesta obra, datada provavelmente de 410 a 423 d.C., Santo Agostinho descreve o mundo como sendo ele dividido entre dois mundos: o dos homens e o de Deus.

à vontade no homem, segundo os diferentes objetos que apetece ou recusa, assim a vontade do homem se transforma em tal ou tal afeição. (Cf. *De Civitate Dei*, XIV, VI).

Desejo, alegria, medo e tristeza são apresentados e chamados por Sto. Agostinho de efeitos básicos da alma e para cada um deles, como visto acima, o referido autor dá uma atenção especial em sua designação. De forma concisa, para uma melhor compreensão didática, apresentam-se desta maneira:

- **Desejo**

É um consentir à tendência da vontade em direção a um objeto qualquer.

- **Alegria**

Quando se alcança o objeto é causado naquele que quis uma satisfação, esta pois é a alegria, complacência na posse do objeto da vontade.

- **Medo**

É o sentimento pelo qual a vontade se retrai e se afasta de uma coisa.

- **Tristeza**

Funciona como sendo uma espécie de aversão da vontade por um mal que já foi causado.

É a partir do movimento da vontade que se pode entender como é o movimento das paixões e todo o seu ordenamento no ser humano. Nota-se que, este estudo elaborado por Sto. Agostinho possivelmente tenha influenciado de modo positivo quase que toda Escolástica, de forma especial a Sto. Tomás de Aquino.

2.2 ORDEM DAS PAIXÕES

Antes de fazer uma classificação das paixões é oportuno que se faça um ordenamento das mesmas, mostrando assim a disposição de cada paixão e uma (possível) primazia destas.

Como já visto no capítulo anterior, as paixões residem em dois tipos de apetites: irascível e concupiscível. Desta forma, o autor conclui que os objetos são apenas aparentemente iguais, porém, diferem em suas potências³⁹ que também, ao final, deixa os objetos diferentes entre si, pois “nada impede que um mesmo objeto seja relativo a noções diversas, podendo, portanto, pertencer a potências diversas da alma” (AQUINO, S. *Th.* I-II *pars*, q. 23).

Inegavelmente as paixões do irascível diferem das do concupiscível, em razão de que as paixões são distinguidas pelas suas causas ativas, que são seus objetos. Uma vez que são diferentes, eventualmente poder-se-á dizer que há uma certa ordem entre as paixões. Se caso houver uma ordem, logicamente há uma prioridade duma sobre a outra. Imprescindivelmente se faz necessário saber qual terá esta precedência. Para determinar tal ordem, usa-se o objeto de ambas, então será o objeto a estabelecer a primazia dentre as paixões - caso haja de uma sobre a outra. Sabe-se que os objetos das paixões do irascível e concupiscível são o bem e o mal, respectivamente de árduo e fácil consecução. Dado que, se implica devidamente certa dificuldade para se conseguir ou evitar algo, conclui-se que o maior empenho para vencer esta dificuldade seja de mérito superior ao de menor empenho. Logo, não será falso dizer que as paixões do irascível têm prioridade sobre as do concupiscível⁴⁰. Porém, esta objeção argumentando a favor de uma possível predominância das paixões do irascível, segundo Sto. Tomás, incide em erro. Por isso ele argumenta que:

A objeção procederia se da essência do objeto do concupiscível fosse algo de oposto ao árduo, como é da essência do objeto do irascível ser árduo. Ora, o concupiscível, tendo o bem absoluto, como objeto, este é naturalmente anterior ao do irascível, como o comum é anterior ao próprio (S. *Th.* I-II *pars*, q. 24, a. 1).

Visto que as paixões do irascível não possuem primazia em relação às do concupiscível, pode-se, então, concluir que são as paixões do concupiscível que possuem esta primazia. Para apresentar e explicar o porquê desta conjectura, Sto. Tomás, na I-II *pars* da *Summa Theologiae* q. 24, expõe que:

As paixões do concupiscível abrangem um domínio mais vasto que as do irascível, pois há nelas algo relativo ao movimento, como o desejo, e algo relativo ao repouso, como a alegria e a tristeza; ao passo que as do irascível

³⁹ A respeito das potências, Sto. Tomás trabalha este ponto na S. *Th.*, I *pars*, q. 77, a. 3.

⁴⁰ Haja vista as diferenças anteriormente expostas.

nada tem de relativo ao repouso, mas só ao movimento. E a razão é que, aquilo em que repousamos nada contém de difícil ou árduo, que é o objeto do irascível.

Ora, o repouso, sendo o termo do movimento, é anterior na intenção, mas posterior na execução. Se, pois, compararmos as paixões do irascível com as do concupiscível, que supõem o repouso no bem, manifestamente aquelas precedem a estas, na ordem da execução; assim, a esperança precede à alegria e por isso a causa, conforme aquilo na Escritura (Rm 12, 12): na esperança alegres. A paixão concupiscível, porém, que implica o repouso no mal, a saber, a tristeza, é média entre as duas paixões do concupiscível pois, sendo causada pelo ocorrer do mal que era temido, resulta do temor; mas precede ao movimento da ira, causa de nos arrojarmos à vingança. E como vingar-se do mal é apreendido como bom, o irado se alegra, após havê-lo conseguido. Por onde é manifesto, que toda paixão do irascível termina numa paixão do concupiscível que implica repouso, a saber, a alegria ou a tristeza. Se, porém, compararmos as paixões do irascível com as do concupiscível, que importam o movimento, estas são manifestamente primeiras, porque aquelas lhe acrescentam algo, assim como o objeto do irascível acrescenta algo ao do concupiscível, a saber, o árduo ou a dificuldade. Assim, a esperança acrescenta ao desejo um certo esforço e uma certa elevação do ânimo para conseguir o bem árduo. Semelhantemente, o temor acrescenta à aversão ou abominação uma certa depressão do ânimo por causa da dificuldade do mal. (S. Th. I-II pars, q. 24).

Para que seja entendido de forma sucinta este movimento das paixões deve-se dizer que ele inicia no apetite irascível removendo o obstáculo que ora impede o alcance do objeto querido; quando esta barreira é removida e o fim é alcançado então o apetite concupiscível chega de fato ao repouso no fim que outrora não era fácil de ser alcançado, donde, então, as paixões do concupiscível exercem precedência às do irascível.

2.3 DA CLASSIFICAÇÃO DAS PAIXÕES EM SI

Já foi visto, no subcapítulo anterior, que as paixões do apetite concupiscível são posteriores e abrangem um número de maior de paixões que as do apetite irascível. Mas agora, de fato, interessa saber quais são estas paixões que precedem às outras.

Mesmo tendo potências particulares as paixões como um todo dão uma visão de conjunto, o que permite tal aspecto são alguns elementos que ambos apetites e paixões possuem em comum, tais elementos, segundo o professor João Batista (SILVA, 2012) são:

- a) A divisão do apetite sensitivo – a sede das paixões – em duas potências: a potência concupiscível e a irascível, que geram as diversas paixões de acordo com os atos e os objetos próprios dessas potências (= o agradável e o doloroso) (*S. Th. I-II pars, q. 23, a. 1*);
- b) A potência concupiscível gera as paixões que se referem ao bem ou ao mal em absoluto (considerados simplesmente como tais) e a potência irascível gera outras que se referem ao bem enquanto difícil de alcançar ou ao mal enquanto difícil de se evitar (*S. Th. I-II pars, q. 23, a. 1*);
- c) A direção do movimento em relação ao objeto, ou seja, movimento de atração pelo bem ou de repulsa do mal; deste modo temos uma oposição entre os dois termos, o que é característico para as paixões da potência concupiscível (*S. Th. I-II pars, q. 23, a. 2*);
- d) No que se refere à potência irascível, o objeto traz consigo, além desta oposição entre o bem e o mal, uma outra oposição, que é a de aproximação e distanciamento; por isso as paixões da irascível têm a característica da dificuldade ou do esforço que o objeto suscita (*S. Th. I-II pars, q. 23, a. 2*);
- e) Os objetos aos quais se referem as paixões podem ser considerados enquanto presentes (por exemplo, um bem já alcançado, um mal já sofrido) ou ausentes (um bem alcançável ou não, um mal vencível ou não, ou seja, um bem ou um mal futuro) (*S. Th. I-II pars, q. 23, a. 4*);
- f) As diferenças acidentais entre as paixões, devidas às diferenças materiais no objeto mesmo ou a uma maior ou menor intensidade no momento em que se dá a paixão.

Com base nestes elementos, Sto. Tomás de Aquino elabora uma síntese que combina e enumera onze tipos de paixões entre os dois apetites, o autor da *S. Th.* expõe estas onze paixões dizendo que estas surgem a partir do movimento que existe quando se trata dos apetites, assim diz:

Ora, nos movimentos da parte apetitiva o bem tem uma quase virtude atrativa, e o mal, repulsiva. Por onde, aquele causa primeiramente na potência apetitiva uma certa inclinação ou aptidão ou conaturalidade para si mesmo, e isto pertence à paixão do amor, ao qual por contrariedade, corresponde o ódio, por parte do mal. Em segundo lugar, o bem-amado ainda não possuído, causa o movimento para ser conseguido o que pertence à paixão do desejo ou da concupiscência, e por contrariedade e quanto ao mal, a fuga ou a aversão. Terceiro, obtido o bem, o apetite produz um como repouso no bem

possuído, o que respeita à deleitação ou alegria a que se opõe, do lado do mal, a dor ou a tristeza.

As paixões do apetite irascível, porém já pressupõem, a aptidão ou inclinação a buscar o bem ou a evitar o mal, próprias do concupiscível, que visa o bem e o mal absolutamente.

Assim, em relação ao bem ainda não possuído, temos a esperança e o desespero; em relação ao mal presente, o temor e a audácia. Relativa, porém, ao bem não possuído, não há no irascível nenhuma paixão, porque, não existe nesse caso a ideia de árduo, como já dissemos, mas a paixão da ira resulta do mal presente.

Por onde é claro, que há três pares de paixões no concupiscível: amor e ódio, desejo e aversão, alegria e tristeza. Semelhantemente, há três no irascível: esperança e desespero, temor e audácia, e a ira a qual nenhuma paixão se opõe.

Logo, são onze ao todo as paixões especificamente diferentes: seis do concupiscível e cinco do irascível. E estas abrangem todas as paixões da alma. (*S. Th. I-I pars, q 23. a. 3-4*).

Resumidamente, estas onze paixões são: amor; ódio; desejo; fuga; alegria; tristeza; esperança; desespero; temor; audácia e ira.

As que pertencem ao apetite concupiscível são seis:

I. Em relação ao bem

a) Amor

É dado o nome de amor ao princípio do movimento que tende para um fim amado (um fim querido) (*S. Th. I-II pars, q. 26, a. 1*), pois assim é chamado de “amor inicial” e visa um bem presente (SILVA, 2012)

b) Desejo

Movimento, que ao contrário do amor, visa um bem enquanto futuro. (SILVA, 2012)

c) Alegria

Esta paixão resulta-se do amor, pois, após auferir o bem-querido o amante goza da posse daquele bem que fora alcançado (*S. Th. II-II pars, q. 28, a. 1*)

II. Em relação ao mal

a) Ódio

O ódio é o contrário do amor, no amor o objeto é o bem presente, no ódio é o mal presente. O ódio gera uma espécie de repulsa à apresentação deste mal (SILVA, 2012).

b) Fuga

O contrário do desejo. A fuga gera um movimento que distancia de um mal que se apresenta ser futuro (SILVA, 2012).

c) Tristeza

Contrário da alegria. O sujeito é atingido pela tristeza quando se vê na presença do mal, ou seja, quando está na posse do mal.

As paixões que pertencem ao apetite irascível são cinco, sendo elas:

I. Em relação ao bem

a) Esperança

Quando se fala da paixão da esperança o seu objeto é um bem futuro, que é de difícil alcance, mas que é perfeitamente possível ser alcançado (*S. Th. II-II pars*, q. 17, a. 1.).

b) Desespero

A paixão do desespero age de forma análoga, mas quando se percebe um bem futuro e sabe-se que este bem é impossível de ser alcançado.

II. Em relação ao mal

a) Audácia

É o mesmo que a coragem. Esta paixão faz o sujeito enfrentar o mal futuro, pois este mostra-se ser superável.

b) Temor

Diz Sto. Tomás que o temor respeita o mal enquanto futuro, pois este pode levar o sujeito a ser vencido por ele, ou seja, o mal futuro mostra-se insuperável (*S. Th. I-II pars*, q. 41, a. 1.).

c) Ira

Acontece quando o sujeito sofre o mal que era difícil de ser superado. Obs.: vale ressaltar sobre o nome desta paixão em relação ao nome dado para o apetite onde esta mesma reside: apetite irascível⁴¹.

Como exposto acima, esta é a classificação das paixões, donde todas as outras resultam destas. Estas onze paixões obedecem à uma hierarquia, a uma ordem a qual, segundo Sto. Tomás, se apresenta assim:

E, se quisermos conhecer a ordem das paixões, segundo a geração, primeiramente surgem o amor e o ódio; depois, o desejo e a fuga; terceiro, a esperança e o desespero; quarto, o temor e a coragem; quinto, a ira; sexto e último, a alegria e a tristeza, que acompanham todas as paixões, como se diz. E como o amor é anterior ao ódio; o desejo, à fuga; a esperança, ao desespero; o temor, à coragem; a alegria, à tristeza, do sobredito se colige. (S. Th. I-II pars, q. 24. a. 3)

Esta divisão dos apetites em irascível e concupiscível como conhecemos teve sua maior representação a partir de Santo Agostinho e quase que se encerra na Escolástica, sobretudo com Santo Tomás de Aquino – que foi o que mais se dedicou nesta temática filosófica. Quando chega a filosofia moderna esta divisão é suprimida por muitos dos seus representantes que começam a rejeitar as concepções oriundas da filosofia na Idade média - quase como uma necessidade para se fazer novo aquilo que já foi dito - a exemplo, René Descartes⁴² que rejeita esta distinção entre concupiscível e irascível (ROVIGHI, 2015). Descartes diz que as paixões são “percepções, ou sentimentos ou emoções da alma que se referem particularmente à própria alma e são causadas, mantidas ou reforçadas por algum movimento dos espíritos” (DESCARTES *apud* ROVIGHI, 2015, p. 110). Esta rejeição, principalmente em Descartes, se dá em nome de uma “simplicidade da alma” (ROVIGHI, 2015, p. 110), pois para ele as paixões residem apenas na matéria e por isso a alma não possui controle algum (ROVIGHI, 2015). Para que se tenha uma perspectiva desta diferença, Sto. Tomás classifica, com já visto, onze paixões das quais as outras são originárias, já Descartes distingue apenas seis paixões, a saber: admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. Ao contrário de Sto. Tomás que diz que as paixões são movimentos

⁴¹ Segundo Sto. Tomás (S. Th. I-II pars, q. 46, ad. 1) “A potência irascível recebe da ira a sua denominação; não que todos os movimentos dessa potência se lhe reduzam a ela, mas porque todos nela acabam; ora, entre todos os referidos movimentos este é o mais manifesto”.

⁴² 1596-1650

da alma, Descartes defende que as paixões são apenas reações da alma para o que seria benéfico ou não (ROVIGHI, 2015). Entre as classificações, o que se pode encontrar de semelhança entre as acepções da Escolástica e na Moderna (sobretudo com Descartes) é que em ambas filosofias a necessidade da razão é real e imprescindível para que o sujeito assuma o controle de suas paixões, não deixando-se sucumbir pelos seus impulsos. Esta necessidade da razão que Descartes assume se dá com base na determinação que o sujeito deve fazer a respeito do seu objeto querido como fim, pondo assim valor e definindo os caminhos para se chegar até ele, e esta concepção aproxima-se em muito da escolha (ROVIGHI, 2015).

2.4 AS PRINCIPAIS PAIXÕES

Existe, portanto, uma ordem estabelecida entre as onze paixões e esta foi supra exposta. Se há uma ordem, logicamente há a paixão que ocupe um primeiro lugar entre todas, tanto no apetite irascível quanto no apetite concupiscível.

2.4.1 As que vêm em primeiro

Falar-se-á sobre as paixões do apetite concupiscível para que se chegue à primeira de todas as paixões deste apetite. Assim como no apetite irascível os objetos do apetite concupiscível são o bem e o mal, pode-se, então, ser verificado que as paixões que possuem o bem como objeto em si mesmo são naturalmente anteriores àquelas que têm o mal como objeto, ora, no meio das paixões do concupiscível - que são seis - há três que visam o bem em si mesmo: amor, desejo e alegria. Logo, as outras três são descartadas. Todas as paixões geram um movimento e estas podem causar efeitos na alma e para conhecer a única paixão que, dentre as três que visam o bem em si mesmo, sobressai às outras duas o próprio Sto. Tomás responde que:

As coisas são denominadas conforme nós as conhecemos, pois, as palavras são signos das coisas inteligidas, segundo o Filósofo (Cf. *S. Th.* I-II *pars*, q. 11, a. 3, ad. 4). Ora, comumente conhecemos a causa pelo efeito. Ora, o efeito do amor, quando o objeto amado já é possuído, é a deleitação; quando, porém, ainda não o é, é o desejo ou concupiscência. Pois, como diz Agostinho, o amor é mais sentido quando produz a carência (Cf. Santo Agostinho, *De Trinidade*, X, cap. XII). Logo, entre todas as paixões do

concupiscível, a concupiscência é a mais sensível, e por isso dela recebe a potência a sua denominação (*S. Th. I-II pars, q. 24, a. 2, ad. 1*)

De acordo com as próprias palavras do autor da *S. Th.* Verifica-se que o amor ocupa o lugar primeiro entre as paixões do apetite concupiscível.

Sobre a primeira entre as paixões do irascível, Sto. Tomás, na *S. Th. I-II pars, q. 24, a. 3*, discute qual seria a paixão primeira dentre as que pertencem ao apetite irascível. Para ser determinado se alguma das paixões pode ser a primeira ou não são usados o objeto, potência e movimento que o apetite faz - neste caso o apetite irascível. O apetite em si mesmo se move para o bem como já visto. Por consequência, na mesma proporção em que se aproxima do bem se afasta do mal. Em primeiro lugar o movimento do apetite não é em vista de que se afaste do mal, mas que se aproxime do bem, por isso, a intenção primeira de cada apetite é o bem. Sabendo de todas as características das paixões do apetite irascível, pode-se inferir que a esperança seria tal paixão que assume o primeiro lugar em relação às outras paixões do mesmo apetite, pois a esperança é a paixão que causa a sensação de que o bem pode ser alcançado, diferente das outras. Sendo o bem o objeto do apetite, logo, a esperança é a paixão que mais se aproxima deste objeto. Por isso, nessa perspectiva, Sto. Tomás argumenta que:

O que mais se aproxima de que é primeiro mais prioridade tem. Ora, a esperança está mais próxima do amor, que é a primeira das paixões. Logo, tem prioridade entre todas as paixões do irascível (*S. Th. I-II pars, q. 24, a. 3*)

A primazia da esperança sobre as outras paixões inicia-se quando se dividem os objetos dentro do apetite, assim a esperança e o desespero visam o bem, porém o primeiro quando percebe que o bem é de possível alcance e o segundo que é de difícil alcance. As outras paixões do apetite irascível visam o mal primeiramente e o bem fica como objeto secundário, desta maneira a esperança e o desespero adquirem prioridade sobre as outras três paixões do apetite irascível. Mas o momento que a esperança sobressai ao desespero é quando se analisa o movimento desta paixão: na esperança o movimento para o bem é, por natureza, atrativo, ou seja, vai em direção ao bem; ao passo que o desespero, mesmo tendo o bem como seu objeto, foge dele pois sabe que este é de difícil consecução. E mesmo sendo a esperança trabalhada como virtude teologal como mostra Sto. Tomás (*S. Th. I-II pars, q. 62, a.3*)

ela não foge do sentido que necessita para ser a paixão dentro do apetite irascível, que é o sentido de que mais aproxima o sujeito ao objeto amado.

Resumidamente, entre as paixões do apetite concupiscível vem o amor em primeiro lugar, e entre as paixões do apetite irascível vem a esperança em primeiro.

3 DE UMA PAIXÃO ESPECÍFICA

Vê-se necessário que se atenha sobre algumas paixões, principalmente sobre aquela que está em primeiro entre as paixões do apetite concupiscível, haja a demonstração no capítulo anterior.

3.1 SOBRE O AMOR

Santo Agostinho diz que “o homem bom é aquele que ama” (AGOSTINHO *apud* REALE & ANTISERI, 1990, p. 459)

O verbete *Amor* escrito por Remo Bodei⁴³ esclarece os mais variados significados que o termo amor adquiriu dentro da tradição filosófica. Bodei (ABBAGNANO, 2012, p. 38) eleger os mais importantes e recorrentes usos e classifica sete diferentes acepções sobre o amor. A saber, de forma integral, são estes:

- a) Em primeiro lugar, com a palavra Amor designa-se a relação intersexual, quando essa relação é seletiva e eletiva, sendo, por isso, acompanhada por amizade e por afetos positivos (solicitude, ternura, etc.). Do Amor, nesse sentido, distinguem-se frequentemente as relações sexuais de base puramente sensual, que não se baseiam na escolha pessoal, mas na necessidade anônima e impessoal de relações sexuais. Muitas vezes, porém, a mesma linguagem comum estende também para esse tipo de relações a palavra Amor, como quando se diz “fazer amor”;
- b) Em segundo lugar, a palavra Amor designa uma vasta gama de relações interpessoais, como quando se fala do amor entre amigos, entre pais e filhos, entre cidadãos, entre cônjuges;
- c) Em terceiro lugar, fala-se do amor por coisas ou objetos inanimados: p. ex.: amor ao dinheiro, a obras de arte, aos livros, etc.;
- d) Em quarto lugar, fala-se de amor a objetos ideais: p. ex.: amor à justiça, ao bem, à glória, etc.;
- e) Em quinto lugar, fala-se de amor às atividades ou formas de vida: amor ao trabalho, à profissão, ao jogo, ao luxo, ao divertimento, etc.;
- f) Em sexto lugar, fala-se de amor à comunidade ou a entes coletivos: amor à pátria, ao partido, etc.;
- g) Em sétimo lugar, fala-se de amor ao próximo e de amor a Deus.

Considerando todas as sete acepções descritas acima, é possível encontrar três caminhos correlativos ao mesmo termo: A) No primeiro encontra-se que “o amor designa em todos os casos, um tipo específico de relação humana, caracterizado pela solidariedade e pela concórdia dos indivíduos que dele participam” (ABBAGNANO,

⁴³ Cf. Dicionário de Filosofia. ABBAGNANO, 2012, p. 38-49

2012, p. 38). B) No segundo caso o amor pode ser considerado como desejo, especialmente um desejo de posse. C) O terceiro caso descreve a respeito dos graus que há no amor, ou seja, os graus que se pode ter nas relações (inter) pessoais e, ainda, o autor diz que para isso não se pode usar o caráter específico da solidariedade e da concórdia como fator determinante na constituição do amor, pois dependendo dos graus de relações, este caráter específico pode variar (ABBAGNANO, 2012, p. 39). Interessante saber que, no caso B) o desejo de posse não faz parte essencialmente do amor⁴⁴. Porém, nota-se que pode haver desejo no amor.

3.1.1 Do desejo em Platão

Ainda sobre este desejo que pode estar contido no amor, vale o alerta que faz Platão a respeito dos desejos desregrados, pois o perigo está quando “a parte bestial (do homem) enche-se de alimento ou bebida, se agita e, repudiando o sono trata de tomar a dianteira e de saciar sua própria inclinação” (*apud* SARTRE, 1997, p. 27). A razão, pois, deve dominar os desejos para que estes não dominem o homem e subjuguem a sua razão. E isso se dá com o objetivo de que o homem possa ter mais capacidade de alcançar seu fim.

O filósofo inglês Roger Scruton (2016, p. 299) diz que o “amor tem um objetivo separado daquele do desejo”, pois o que o amor tem por objetivo é o alcance do amado e, quando alcançado, o deleite. Portanto, é certo dizer que o amante, por certa identificação, quer o bem do amado como sendo o seu próprio bem; o que não ocorre com o desejo, que simplesmente quer ter a posse. Quando Platão trata da questão, Scruton comenta que o filósofo grego diz que o desejo é apenas uma necessidade física. Assim, se o desejo toma conta do amante, nasce daí o amor erótico (o que não tem nada a ver com o amor pleno). “O amor erótico é a forma peculiar de amor que parece ter nascido no desejo, mas que só pode permanecer amor transcendendo ao desejo”⁴⁵ (SCRUTON, 2016, p. 299). Ao passo que Platão (*apud* SCRUTON, 2016, p. 299-300) responde que “o amor erótico não surge do desejo, mas da percepção da

⁴⁴ Talvez o desejo esteja mais presente quando se discute a respeito do “amor sexual”, mas do amor em si é quase excluído este tipo de desejo.

⁴⁵ Neste caso específico de amor erótico, o desejo tem como finalidade a união sexual.

beleza do outro”. Então, o amor se torna amor erótico quando a beleza do outro é considerada unicamente pelo desejo (de posse), pois, quer apenas possuir por se apresentar agradavelmente aos sentidos. Sendo assim, o “desejo não é uma expressão do amor, mas uma derrogação⁴⁶ do amor, que impede o desenvolvimento do amor, e deve ser transcendido para o amor sobreviver” (SCRUTON, 2016, p. 299). Pôr desejo no lugar do amor não é algo raro a ser encontrado. Tal erro (por parte do homem) é possível pelo fato da visão humana interpretar de maneira equivocada o senso da beleza. Desta maneira, o desejo vai ser um impedimento para o amor - que quer possuir o bem agradável na beleza enquanto tal. Assim, amar querendo bem o bem-amado não pode ser confundido e substituído pelo o amar o bem que o bem-amado causa. Considerando esta perspectiva, o desejo pode ser admitido apenas como accidental ao amor, jamais como parte essencial.

Pode-se considerar verdadeiro que o amor nasça através do desejo e o primeiro tende a aumentar na mesma proporção que o último diminui, mas se acontecer o contrário - o desejo suprimir o amor - o desejo vai aumentar na mesma intensidade que o amor é diminuído. O que ocorre de fato nesse processo é que se apenas ficar o desejo, mesmo que este aumente, em algum momento irá acabar, tendo em vista que o desejo (neste caso o desejo erótico) inicia através da agradabilidade sensível da beleza que pode ter fim, o que não ocorre com o amor, que tende a se fortificar na medida que cresce (SCRUTON, 2016).

3.1.2 Do amor em si

Santo Tomás de Aquino dedica boa parte do seu tratado das paixões para disputar sobre o amor, especialmente as questões 26, 27 e 28 da I-II *pars*. Na questão 26 trata do amor em si, na 27 a causa do amor e na 28 os efeitos do amor. E, ainda, faz a distinção entre amor natural e amor intelectual. O amor natural tem sua sede em todas potências da alma, segundo ele, “o princípio deste movimento é a conaturalidade do apetente relativamente ao objeto para que tende” (*S. Th.* I-II *pars*, q. 26, a. 1). Assim, é chamado de amor natural, pois é da natureza do homem ir em

⁴⁶ Substituição.

direção àquilo que lhe convém. O amor intelectual é aquele em que ocorre uma aproximação da vontade para a deleitação do bem alcançado através da eleição (da escolha).

Incansavelmente já foi visto que o amor pertence ao apetite concupiscível, esta pertença se dá pelo fato de que o amor faz o movimento inicial que culminará na direção do amado. Mas o amor em si é apenas movimento como diz Sto. Tomás ao escrever que “chama-se amor o princípio do movimento tendente para o fim amado” (*S. Th. I-II pars, q. 26, a.1*), e uma vez assumido este início, o amante vê-se tomado pelo desejo para ir em busca daquilo que se ama:

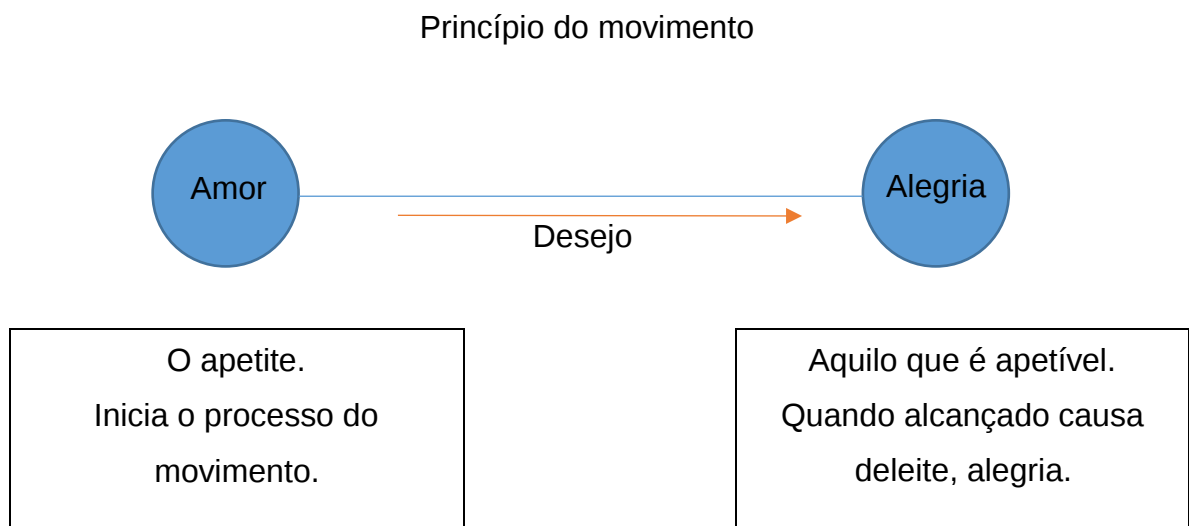


Ilustração 1 - Movimento das paixões

E este movimento é quase como um círculo, um processo único, pois assim explica Sto. Tomás dizendo que “o apetível move o apetite, introduzindo-o na intenção; e o apetite tende para o apetível, que deve ser realmente conseguido, de modo ao fim do movimento coincidir com o princípio do mesmo” (*S. Th. I-II pars, q. 26, a. 2*). Quando o apetite transmuta para o apetível, além do deleite, é causada a união, pois a união é algo próprio do amor, fazendo com que o amante se identifique com o amado. Depois do primeiro ciclo do movimento o amante já se identifica com o amado. Não uma simples relação, mas um efeito que o amante já não consegue mais separar, pois assim diz Aristóteles (*apud AQUINO. S. Th. I-II pars, q. 26, ad 2*): “a união é efeito

do amor”, que é um dos motivos para se ter este ciclo do amante para o amado, sendo que o “amor provoca dependência” (SCRUTON, 2016, p. 299).

Já exposto que uma das características neste processo do amor é a escolha, esta que é chamada por Sto. Tomás de dileção (*S. Th. I-II pars*, q. 26, a. 3) e quando ele disputava tal questão era aceito entre seus contemporâneos que o amor seria igual a dileção⁴⁷. Ao escrever, fora descoberto que não era apenas amor e dileção tidos como a mesma coisa, mas outros nomes que levavam a um mesmo sentido - o que era totalmente equivocado. Especificamente sobre esta confusão, Sto. Tomás disse que:

Há quatro nomes que se empregam para significarem de certo modo o mesmo: amor, dileção, caridade e amizade, que, contudo, diferem no seguinte. A amizade, segundo o Filósofo, é um quase hábito; o amor, porém, e a dileção empregam-se para significar ato ou paixão; ao passo que caridade é usada em ambos esses sentidos. — Estes três vocábulos, todavia exprimem um mesmo ato, mas diversamente. Assim, o mais geral deles é o amor, pois toda dileção ou caridade a ele se reduz, mas não inversamente; assim, a dileção acrescenta-lhe a eleição precedente, como o próprio nome o indica. Por onde, a dileção não pertence ao concupiscível, mas exclusivamente à vontade, e só é própria da natureza racional. A caridade por sua vez acrescenta ao amor uma certa perfeição, enquanto que, como o nome por si o está indicando, temos em grande preço o que amamos. (*S. Th. I-II pars*, q. 26, a. 3-4)

Sto. Tomás expõe que a dileção não é a mesma coisa que amor, mas a primeira acrescenta a eleição ao segundo, tornando-o essencialmente perfeito.

Quando o movimento do amor é iniciado, logicamente inicia-se através de algo. Por isto, o autor da *S. Th.* diz que o amor é causado pelo seu próprio objeto e como já foi dito aqui, o objeto do amor é o bem, ou seja, a causa do amor é o bem. Assim, quando se refere ao bem que se quer a outra pessoa este amor é chamado de amor de concupiscência e quando elege a pessoa a quem se quer o bem o amor passa a ser designado como sendo amor de amizade. Para finalizar, a respeito deste último – amor de amizade – vale citar o que Aristóteles (2001) escreve a respeito da amizade, dizendo que a amizade se dá quando se quer bem ao outro (ou seja, o bem ao amado) e quando há a reciprocidade do amor empregado, pois o amante e o amado se amam

⁴⁷ Este pensamento recorrente fez com que Sto. Tomás respondesse de tal modo que não houvesse dúvidas a respeito disso

pelo que são em essência e não pelo que o podem oferecer sensivelmente ao outro – conclui-se que as vantagens podem ser consequência da amizade, jamais condição. Amar sem esperar nada do amado em troca: eis a essência do amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não pretendeu dar uma solução definitiva para o problema das paixões no homem, mas apenas clarificar as noções que se possa ter a respeito de paixões e todos os seus movimentos. As possibilidades que se abrem para pesquisas futuras são inúmeras. Como visto no corpo deste trabalho, o homem sempre tende para o seu fim com o objetivo de ser feliz e, portanto, a melhor maneira de se alcançar este fim pode proporcionar ao homem uma vida mais feliz. Conhecendo todas as suas inclinações e movimentos conaturais, dá-se, então, a chance de maior obtenção referente ao sucesso quando empenhando no processo vital o esforço para agir conforme a razão. O assunto tratado pode ser amplamente discutido e seu fim está longe, pois os efeitos e outras paixões que são causadas no ser humano são inúmeras a partir das primeiras, haja vista a própria explicação de Sto. Agostinho no corpo do trabalho.

São os obstáculos no caminho do homem que devem ser transpostos para que este, por meios das virtudes, possa alcançar da melhor maneira possível aquilo que se deseja, não há outro motivo senão ter uma vida feliz.

Não são as paixões que vão determinar e julgar as ações do homem, mas sim a razão qual é imposta a elas, pois as paixões são em si mesmas desprovidas de valoração moral, ou seja, são moralmente neutras e, portanto, podem entrar na composição dos atos bons – pense nos atos virtuosos – ou na dos atos maus, a ser levado em consideração o fim escolhido. Consideradas neste último sentido é que as paixões são propriamente aquele obstáculo que pode impedir o homem de tornar-se melhor. Por isso, as paixões devem ser submetidas à razão, a fim de que possam ser empregadas somente para as obras cujo o objeto é o bem.

Toda a pesquisa foi desenvolvida a partir das questões da *Summa Theologiae* de Santo Tomás de Aquino, não deixando de lado os comentadores da mesma obra, além de outros autores que enriqueceram o conteúdo bibliográfico deste.

Em síntese, este trabalho pretendeu promover uma compreensão mais ampla a respeito do tema abordado, o que ao final de toda pesquisa e apresentação do conteúdo, considera-se o objetivo principal alcançado.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Revisão e tradução: Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- AGOSTINHO. A Cidade de Deus: contra os pagãos, parte II. Tradução: Oscar Paes Leme. Petrópolis-RJ: Editora Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- AQUINO, Tomás de. Questões disputadas sobre a alma. Tradução: Luiz Astorga São Paulo: É Realizações, 2012.
- _____. Suma Teológica. Revista Permanência. Tradução: Alexandre Correa. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/10>>. Acesso em: 22/03/2015.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- _____. Categorias. 3. Ed. Tradução: José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- CHESTERTON, G.K. Santo Tomás de Aquino 3. ed. Tradução: Antônio Emilio Angueth de Araújo. Campinas-SP: Ecclesiae, 2015.
- ECHEVARRÍA, Javier Aranguren; STORK, Ricardo Yepes. *Fundamentos de Atropología: Un ideal de la excelência humana* 6. ed.. Navarra: Eunsa, 2003.
- GILSON, Etienne. História da Filosofia Cristã. São Paulo: Editora Vozes, 2000.
- HUGON, Édouard. Os Princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino: As vinte e quatro teses fundamentais. Porto Alegre-RS: EdIPUCRS, 1998.
- MARÍAS, Júlian. História da Filosofia. 2 ed. Tradução: Claudia Berlinder. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.
- MONDIN, Battista. Curso de Filosofia, vol. 1. Tradução: Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1981.
- _____. O homem: quem é ele? Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1980.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média v. 1. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. História da Filosofia Moderna: da revolução científica a Hegel. 5 ed. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- SARTRE, de Platão a: por um grupo de professores. Os filósofos através dos textos. Tradução: Constança Terezinha M. César. São Paulo: Paulus, 1997.

SCRUTON, Roger. Desejo sexual: uma investigação filosófica. Tradução: Marcelo Gonzaga de Oliveira. Campinas-SP: VIDE Editorial, 2016.

SILVA, João Batista Costa e. Breve introdução ao estudo das Paixões em S. Tomás de Aquino. Vol. I e II. 2012. Disponível em: <<https://institutumsapientiae.org/publicacoes/artigos>>. Acesso em 15/09/2016.